

O DEBATE SOBRE A FELICIDADE NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA

De: Zygmunt BAUMAN

A Arte da Vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Por: GEÍSA MATTOS

Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Um dos mais fecundos sociólogos contemporâneos, o polonês radicado na Inglaterra, Zygmunt Bauman, tem se dedicado em sua vasta obra¹ à reflexão sobre a cultura do consumo e suas implicações para a vida humana na sociedade que chama de “líquido-moderna”². Em seu recente livro, *A Arte da Vida*, coloca o foco em um aspecto central para a compreensão de nossa cultura: quais referências e valores fundamentam a busca da felicidade no mundo contemporâneo e que conseqüências estes acarretam para a identidade dos indivíduos e seus relacionamentos sociais.

Em livro também recente, outro sociólogo contemporâneo tratou do mesmo tema, o francês Gilles Lipovetsky (*A Felicidade Paradoxal*, 2007). Os dois se interessam por explorar a relação entre consumo e felicidade, equação que é central para a compreensão que ambos trazem da sociedade atual. Porém, uma diferença fundamental entre ambos é que Lipovetsky não vê de modo necessariamente negativo o que chama de “hiperconsumo”: “Evidentemente, o balanço humano e social da sociedade hipermercantil não é muito lisonjeiro, mas é negativo em todos os pontos? (...) Contra a postura hipócrita de grande parte da crítica do consumo, é preciso reconhecer os elementos de positividade implicados na superficialidade consumista” (LIPOVETSKY, 2007, p. 17).

Esta diferença marca a sociologia humanista de Bauman, pois, para este, os ideais de consumo e vida feliz no mundo capitalista trazem a “insolúvel contradição interna de uma sociedade que estabelece para todos os membros um padrão de felicidade que a maioria destes ‘todos’ é incapaz de alcançar” (p. 38). Para Bauman, a sociologia deve “dar sua própria contribuição na batalha por uma sociedade melhor, mais hospitaleira aos seres humanos e à sua humanidade”³. A contribuição da sociologia, na concepção do autor, está na possibilidade de fazer as pessoas refletirem sobre os valores que adotam e reconhecerem seu potencial de escolha.

Bauman não vê conflito entre o exercício simultâneo dos papéis de sociólogo e de filósofo; por isso, em *A Arte da Vida* combina resultados de pesquisas sociológicas recentes, suas próprias análises de depoimentos de consumidores e das estratégias da publicidade, com um instigante passeio pelas idéias de felicidade presentes nas diversas correntes da filosofia, na sociologia clássica e contemporânea. E ainda escreve com clareza, de forma a ser entendido por um público bem mais amplo do que os leitores da academia. Bauman mostra que é possível fazer tudo isso mostrando erudição e riqueza de interpretação.

Coerente com sua crítica de que “os estudos sociais acadêmicos perderam a ligação com a

agenda pública”⁴, logo no início do livro ele aborda um problema que tem ganhado espaço nessa agenda recentemente: a crítica ao Produto Interno Bruto (PIB) como parâmetro hegemônico para avaliar o desenvolvimento dos países. O PIB mede somente a quantidade de bens e serviços produzidos em uma nação, em um determinado período de tempo, mas não leva em consideração a qualidade, por exemplo, do aproveitamento do tempo pelos seres humanos envolvidos nessa produção⁵.

Como mostra a pesquisa de Michel Rustin⁶, citada por Bauman, o aumento do PIB em países como Grã-Bretanha e Estados Unidos não está associado a um aumento do bem estar subjetivo e sim ao crescimento de casos de depressão e das estatísticas de violência. Um dos motivos apontados pelo autor: “ganhar bastante dinheiro para adquirir bens que só podem ser obtidos em lojas é um ônus pesado sobre o tempo e a energia disponíveis para obter e usufruir bens *não-comerciais* e *não-negociáveis*”, como o amor e a amizade (p. 12).

Bauman cita a pesquisa de Richard Layard⁷ segundo a qual há um limite para que o ganho em termos de conforto e consumo seja capaz de gerar mais bem estar subjetivo. Conforme as estatísticas comparadas por Layard em vários países, os índices de satisfação com a vida só crescem de modo significativo até o ponto em que carência e pobreza são substituídas pela satisfação de necessidades essenciais; e param de subir ou tendem a decrescer quando se ultrapassa certo limite de conforto em termos materiais.

A relação entre consumo e expectativa de felicidade no mundo contemporâneo é amplamente abordada pelo autor na “Introdução”. Em seu estilo ensaístico, chega a uma metáfora exemplar do conceito de felicidade do capitalismo atual: “Um

dos efeitos mais seminais de se igualar a felicidade à compra de mercadorias que se espera que gerem felicidade é afastar a probabilidade de a busca da felicidade um dia chegar ao fim. (...) Na pista da felicidade não existe linha de chegada” (p. 17).

A partir da interpretação de Bauman sobre o depoimento de uma consumidora adolescente⁸, somos levados a compreender que está em jogo no consumo adquirir e manter uma posição social necessariamente *reconhecida* pela sociedade. O certificado de validade do status adquirido, no entanto, tem prazo curto quanto à sensação que proporciona de ser visto como alguém que está “na trilha certa”. Assim, o consumidor precisa voltar às lojas e adquirir os produtos “certos” para o reforço da sensação de estar no “páreo social”. (É interessante que seja de uma adolescente o depoimento examinado pelo autor, já que na sociedade atual o ideal de felicidade é associado à idéia de juventude eterna).

Segundo Bauman, a ausência de felicidade parece ser inadequada, em um mundo onde esta é “facilmente alcançável” pelas promessas do consumo e de transformação da identidade; então se segue em busca do “verdadeiro eu” que se encontraria se utilizasse os meios e habilidades “certos”. “O que de fato é novo é o sonho gêmeo de *fugir do próprio eu e adquirir um novo feito sob encomenda* – e a convicção de que transformar esse sonho em realidade é algo que está ao nosso alcance. Não apenas *uma* opção, mas *a mais fácil*” (p. 24, grifos no original).

A mesma facilidade com que se busca descartar identidades consideradas inadequadas é vivida nos relacionamentos amorosos, como já havia sido descrito pelo autor em *Amor Líquido* (2004). “Compromissos são válidos até que a satisfação desapareça ou caia abaixo de um padrão aceitável – e nem um instante a mais” (p. 26). O ideal dos tempos

líquido-modernos é o Super Homem ou Homem Superior de Nietzsche, na interpretação de Bauman: “o grande mestre da arte da auto-afirmação, capaz de se evadir ou escapar de todos os grilhões que restringem a maioria dos mortais comuns”.

A questão de fundo com a qual o autor se depara, no primeiro capítulo do livro (“As Misérias da Felicidade”), concordando com Kant, é que não é possível chegar a uma conclusão ao mesmo tempo definitiva e consistente do que seja felicidade. Pois, como também constata Bauman, “a felicidade de uma pessoa pode ser bem difícil de distinguir do horror de outra” (p. 39).

Neste ponto poderíamos colocar em xeque a crítica da sociedade de consumo feita pelo próprio autor nas 32 páginas que constituem a sua “Introdução”. Se a felicidade é subjetiva e cultural, com quais parâmetros podemos fazer a crítica dos valores da sociedade atual? Bauman nos dá elementos para admitir que a sociedade ocidental “universaliza” um dado conceito de felicidade como busca ansiosa, permanente, insaciável, baseada na competição e no desejo de *parecer* melhor do que os outros, no simulacro de um ideal sempre almejado e nunca conquistado, senão por fugazes instantes do consumo de um bem ou de uma relação amorosa, esta destinada a ser substituída logo que apareçam os primeiros sinais de insatisfação.

Porém, para fundamentar sua crítica, ele faz um exame dos ideais de felicidade presentes nos filósofos clássicos e estoicos, demonstrando que, longe de ser intrínseco à espécie humana, o ideal de felicidade atual foi sendo elaborado historicamente a partir da ascensão da burguesia. Com ela, veio aparecer “uma característica quase universal da vida moderna: a tensão entre dois valores, segurança e liberdade, igualmente cobiçados e indispensáveis a

uma vida feliz – mas, que pena, assustadoramente difíceis de conciliar e usufruir conjuntamente” (p. 65).

Nesta última passagem, Bauman parece ver como universal uma tensão que, conforme ele mesmo demonstra ao longo do livro, é específica do ideal de felicidade no mundo capitalista. Segurança e liberdade podem não ser contraditórias em outras culturas, onde estas mesmas palavras têm outros significados. Segurança para os hindus, por exemplo, não significa apego a valores materiais; ao contrário, é o contato com a Divindade presente em cada um que fortalece a noção de sentir-se seguro e, ao mesmo tempo, livre de toda dependência das circunstâncias externas para sentir bem estar.

Embora não faça referência à cultura hindu, uma visão parecida é encontrada por Bauman nos filósofos representantes do estoicismo, os quais advogam que a verdadeira felicidade só pode ser sentida voltando-se para dentro de si mesmo. Como resumiu Pascal, citado pelo autor: “A causa única da infelicidade do homem é que ele não sabe como ficar quieto em seu quarto” (p. 51).

No mundo capitalista atual, ao contrário, como mostra Bauman, o indivíduo é prisioneiro do olhar do Outro, e só se sente seguro e “bem” se estiver “melhor”, se for “invejado”, “apreciado”. O autor mostra que o consumo é associado ao sentimento de pertença a uma categoria exclusiva, distintivo de bom gosto, discernimento e *savoir-faire* (p. 34). A felicidade, construída dessa maneira, “exige que se pareça estar sempre à frente dos competidores” (p. 36). Tendo sempre o “outro” como referência, a felicidade é obtida por provocar em alguém sentimentos de superioridade.

Como nos convence o autor, guiar-se pelo olhar do Outro frequentemente gera frustração e ressentimento: “rancor causado pelo impulso

desesperado de evitar a autodepreciação e o autodesprezo” (p. 37). Então, explodem os ódios recíprocos, estimulados pelo medo e pela competição.

O tom pessimista do retrato que faz Bauman da sociedade contemporânea, embora seja bastante convincente, pode ser questionado sob alguns aspectos. Se aceitarmos a sua tese de que a modernidade passou de uma fase “sólida” – na qual as identidades eram projetos “para toda a vida” – para uma fase “líquida”, onde os sujeitos têm a sensação de poder sempre “começar do zero” e mudar tudo, podemos relativizar sua própria crítica à idéia de que “identidades flexíveis” seriam outro nome para “pusilanimidade”, como ele assevera (p. 91). No segundo capítulo do livro (“Nós, os artistas da vida”), ele faz a crítica da “arte da vida” contemporânea por esta refletir essa ausência de sentido permanente. “Este novo tipo de arte promete uma longa corrente, aparentemente infinita, de futuras alegrias” (p. 100); ao contrário de um “projeto de vida” tal como pensado por Sartre, que estimulou a geração de Bauman em suas conquistas, a juventude atual não tem projetos de longo prazo. “A volatilidade, vulnerabilidade e fragilidade de toda e qualquer identidade coloca sobre os ombros daquele que busca uma identidade o dever de desincumbir-se diariamente das tarefas da *identificação*” (p. 105).

Ora, podemos ver a flexibilidade como um direito conquistado com a modernidade. Neste sentido, há positividade em tomar a arte da vida como arte de recriar-se permanentemente; de não estar definido de “uma vez por todas”, de renovar sempre nosso espírito jovem. O problema, responderia o autor, é que a mudança permanente nos é *imposta* como mais uma “*necessidade de consumo*”. E ainda, argumentaria ele, a imposição da mudança permanente gera a exclusão de muitos que não podem gozar desta “liberdade” prometida (p. 105).

No terceiro e último capítulo (“A Escolha”), ele se coloca a favor de uma sociologia comprometida com uma ética que tenha o Outro como referência, não como signo de vaidade e reforço do próprio egocentrismo, mas como reconhecimento que possibilite ao indivíduo sair do “isolamento da existência” (p. 159). Retoma o pensamento de Emmanuel Levinas, contra o que interpreta em Nietzsche como o projeto de um “Super Homem” comprometido apenas consigo mesmo e com seu egoísmo.

Opondo as visões de Levinas e Nietzsche e relacionando-as, respectivamente, a solidariedade, responsabilidade e compartilhamento no primeiro; e a aversão a toda forma de moral restritiva da liberdade, no segundo, como sentidos na busca da felicidade, ele adere à perspectiva do primeiro, assumindo o parâmetro ético que adota para a crítica dos valores do mundo contemporâneo.

A posição de Bauman nos faz lembrar a discussão capitaneada pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2008) sobre as mudanças nos paradigmas da ciência moderna, nas quais o autor identifica uma tendência importante de não mais separar valores cognitivos de valores éticos e políticos. Esta, que é uma discussão sempre em aberto nas ciências sociais, parece ser retomada agora com os novos desafios que a realidade nos coloca: não é mais a questão marxista da luta contra a opressão de uma classe social por outra, mas a própria sobrevivência da espécie humana e do planeta que está em jogo no debate atual sobre o consumo. Neste sentido, a posição de Bauman é parte de uma questão epistemológica mais ampla que implica novas perspectivas sobre o papel da ciência, e em particular, o papel das ciências sociais.

Notas

- ¹ O autor publicou quase duas dezenas de livros no Brasil, entre eles alguns dos mais citados são *Modernidade Líquida* (2001), *Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual* (2003), *Amor Líquido* (2004), *Identidade* (2005), todos pela editora Jorge Zahar.
- ² A expressão *modernidade líquida* passou a ser utilizada por Bauman em obras anteriores para evitar confusão semântica com o que é chamado de “sociologia da pós-modernidade”. Enquanto esta evitaria qualquer tipo de julgamento de valor sobre “modos de vida viciosos e virtuosos”, Bauman descreve de modo profundamente crítico esta sociedade, por acreditar que “o mundo pode ser diferente e melhor do que é” (ver entrevista a Pallares-Burke, 2004, p. 9).
- ³ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. “Entrevista com Zigmunt Bauman”, **Tempo Social**, vol. 16, nº 1, São Paulo, Junho de 2004, p. 5.
- ⁴ *Idem*, p. 5.
- ⁵ Em 2009, o presidente da França, Nicolas Sarkozy, nomeou uma comissão de economistas e estatísticos, liderados por dois vencedores do Prêmio Nobel em Economia, Joseph Stiglitz e Amartya Sen, para criar um novo indicador de desenvolvimento capaz de “mudar nossas prioridades políticas e construir sociedades mais felizes e ambientalmente mais justas” (John Thornhill, Financial Times, reproduzido no Valor Econômico, 30/01/2009). Na discussão em torno de um novo índice capaz de medir a qualidade do desenvolvimento, criou-se a idéia da sigla Felicidade Interna Bruta (FIB), num jogo de palavras com o PIB.
- ⁶ RUSTIN, Michel. “What is wrong with happiness?”, *Soundings*, verão de 2007, p. 67-84 (citado por Bauman, p. 8-10).
- ⁷ LAYARD, Richard. *Happiness: Lessons from a New Science*. Londres, Penguin, 2005.
- ⁸ A fonte de um dos depoimentos analisados por Bauman é a primeira página de uma revista de moda britânica. O autor interpreta exemplarmente o discurso de uma adolescente reproduzido pela revista sobre sua “loja favorita”.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zigmunt. *A Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal*. Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. “Entrevista com Zigmunt Bauman”, *Tempo Social*, vol. 16, nº 1, São Paulo, Junho de 2004.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008.